

A existência em si e para o outro: reflexões a partir de Kierkegaard e Lévinas

Existence in itself and for the other:
reflections from Kierkegaard and Lévinas

Tales Macêdo da Silva

<https://orcid.org/0000-0003-2556-4307> – E-mail: talesmacedo19@outlook.com

RESUMO

Considerando a reflexão que ambos os pensadores desenvolvem acerca da vivência concreta da existência, este artigo tem como objetivo apresentar a compreensão do ser em si mesmo na filosofia de Søren Kierkegaard e do ser para o outro na filosofia de Emmanuel Lévinas. A proposta não é realizar uma comparação direta entre eles, mas compreender como, apesar de suas diferenças, ambos se preocupam profundamente com a existência singular de cada indivíduo. Para tanto, o trabalho se dedica inicialmente à análise do pensamento particular de Kierkegaard, seguido da exposição das ideias de Lévinas. Observa-se, assim, que ambos os filósofos compartilham uma comunhão fundamental no que tange à vivência autêntica da existência, o que permite concluir que, mesmo diante da distância histórica e das distintas abordagens filosóficas, seus pensamentos percorrem trajetórias convergentes. Este desenvolvimento revela-se de suma importância para evidenciar a continuidade e a relevância da reflexão sobre o sujeito e sua existência no âmbito da filosofia contemporânea.

Palavra-chave: Subjetividade existencial. Singularidade. Ética da alteridade. Responsabilidade e Experiência fenomenológica.

ABSTRACT

Considering the reflections developed by both thinkers on the concrete experience of existence, this article aims to present the understanding of the being-in-itself in the philosophy of Søren

Kierkegaard and the being-for-the-other in the philosophy of Emmanuel Lévinas. The intention is not to make a direct comparison between them, but rather to comprehend how, despite their differences, both are deeply concerned with the singular existence of each individual. To this end, the work initially focuses on an analysis of Kierkegaard's particular thought, followed by an exposition of Lévinas's ideas. It is thus observed that both philosophers share a fundamental communion regarding the authentic experience of existence, which allows concluding that, despite historical distance and differing philosophical approaches, their thoughts follow convergent trajectories. This development proves to be of utmost importance to highlight the continuity and relevance of the reflection on the subject and their existence within contemporary philosophy.

Keywords: Existential subjectivity. Singularity. Ethics of alterity. Responsibility and Phenomenological experience.

1 Introdução

Tratar de dois pensadores que desenvolveram concepções ao mesmo tempo distintas e profundamente conectadas exige reconhecer o vínculo entre contextos históricos específicos e preocupações existenciais universais. De um lado, Kierkegaard frequentemente mal compreendido por seus concidadãos, em virtude de sua inquietação com a forma como o cristianismo era vivido em sua época. De outro, Levinas profundamente marcado por acontecimentos dramáticos do século XX, especialmente pela Segunda Guerra Mundial, durante a qual se tornou evidente a ausência de solidariedade para com o próximo ou, em termos cristãos, a escassez do amor ao outro. Em ambos os casos, observa-se um esforço filosófico voltado à afirmação de uma existência concreta e autêntica.

Em vez de promover uma comparação sistemática entre as filosofias de Søren Kierkegaard e Emmanuel Lévinas, propõe-se apresentar os elementos essenciais de seus pensamentos, a fim de destacar a convergência quanto à centralidade da existência singular e da responsabilidade ética. Para isso, busca-se interpretar, por um lado, a noção de ser em si mesmo, conforme elaborada por Kierkegaard, e, por outro, a concepção de ser para o outro, desenvolvida por Lévinas.

Convém iniciar pela concepção kierkegaardiana de ser em si mesmo, cujo núcleo reside na ideia de "tornar-se si-mesmo", uma tarefa existencial que retoma a tradição socrática, especialmente a exigência de conhecer a si mesmo. Kierkegaard desenvolve essa noção ao constatar que os habitantes de sua sociedade não viviam autenticamente os ensinamentos de Cristo e que, em muitos casos, líderes religiosos instrumentalizavam a fé em benefício de interesses materiais e políticos. Em face dessa degradação da religiosidade, Kierkegaard propõe uma revalorização da existência singular, entendida como processo interior de apropriação da fé e da verdade. A existência, nesse sentido, não se reduz à adesão doutrinária, mas implica uma relação pessoal, ética e angustiante com a própria identidade diante do eterno.

Na sequência, cabe analisar a concepção de ser para o outro no pensamento de Emmanuel Lévinas, centrada na ideia de responsabilidade incondicional diante da alteridade. Essa concepção nasce da experiência traumática da guerra, especialmente do período em que Lévinas, como soldado francês, esteve preso em um campo de concentração. Ali, observa a tendência humana à autossuficiência e à instrumentalização do outro como obstáculo a ser superado. É

nesse contexto que começa a delinear uma filosofia na qual o outro não é um objeto de representação, mas um apelo ético que antecede a liberdade do eu. Tal filosofia culmina na formulação da ética da alteridade, na qual a subjetividade é definida, antes de tudo, como responsabilidade ilimitada pelo outro.

As reflexões de Kierkegaard e Lévinas, embora inseridas em contextos distintos, permitem estabelecer um ponto de articulação: em Kierkegaard, destaca-se a singularidade do ser que se constrói na tensão da interioridade ética; em Lévinas, sobressai a responsabilidade irrecusável diante da alteridade. Ainda assim, é possível perguntar: em que medida a busca kierkegardiana pelo tornar-se si-mesmo pode ser compreendida como voltada ao outro? A resposta encontra-se na concepção de que a apropriação pessoal da existência cristã não é um exercício de isolamento, mas uma forma de testemunho existencial que visa à formação do outro. A autenticidade do tornar-se si-mesmo, em Kierkegaard, exige uma vivência relacional e comunicativa, orientada por uma ética do cuidado e do chamado. Ser si mesmo, portanto, implica, de modo implícito, ser também para o outro.

2 A construção do ser em si na filosofia de Søren Kierkegaard

A filosofia de Søren Kierkegaard tem como núcleo central a reflexão sobre o ser em si mesmo, entendida como a busca pelo tornar-se si mesmo ou, na perspectiva cristã do autor, o tornar-se cristão. A partir desse princípio, Kierkegaard traça formas e modos para a concretização dessa existência singular e autêntica. Atuando em Copenhague, Dinamarca, Kierkegaard foi tanto filósofo quanto teólogo, cuja indagação fundamental concentrou-se na vivência de um cristianismo verdadeiro, que não se reduzisse à mera formalidade institucional ou ao controle estatal, como predominava na sociedade dinamarquesa de sua época.

Sua perspectiva do cristianismo contrapõe-se radicalmente ao fenômeno da cristandade, entendido como o sistema em que a fé e o vínculo dos fiéis à Igreja são sustentados principalmente pelo papel institucional da religião na sociedade, em especial na sua relação com o Estado e o poder político. Nessa configuração, a vida cristã assume uma característica coletiva, massificada, pouco propícia à expressão da pessoalidade e da singularidade do indivíduo. Inconformado com essa realidade, Kierkegaard propõe um retorno ao interior do sujeito, um voltar-se para si mesmo, no qual cada pessoa reflita profundamente sobre suas ações e vivências interiores, promovendo, a partir desse processo, o autoconhecimento e a construção do ser singular.

O próprio Kierkegaard, indivíduo marcado pela inquietação interior, direcionou seu pensamento tanto para suas angústias pessoais quanto para as contradições da sociedade em que vivia. Seus aprofundados estudos sobre o si mesmo inauguraram, na filosofia, uma nova abordagem, centrada nos questionamentos existenciais, em contraste com as investigações tradicionais que privilegiavam o ser em sentido abstrato ou as realidades externas ao sujeito. Kierkegaard passou a elaborar um pensamento voltado à compreensão das razões do existir, dando especial atenção à singularidade e à subjetividade de cada indivíduo.

Esse percurso filosófico abriu caminho para o desenvolvimento do existencialismo no século XX, especialmente a partir de autores como Jean-Paul Sartre, que passaram a estudar o sujeito humano não apenas como um ente do pensamento, mas em suas ações, sentimentos e vivências concretas enquanto ser individual. Por essa razão, Kierkegaard é frequentemente considerado o precursor do existencialismo, por ter sido um dos primeiros a colocar a questão da existência no centro da reflexão filosófica. Contudo, classificá-lo como existencialista pode ser

inadequado, pois tal rótulo contraria aspectos fundamentais de sua filosofia, especialmente suas críticas contundentes ao sistema hegeliano. Além disso, enquanto o existencialismo enfatiza o sujeito em sua finitude, Kierkegaard conduz o indivíduo à experiência da infinitude, manifestada na relação singular com Deus.

Ao longo de sua vida, Kierkegaard dedicou-se à busca de uma vivência autêntica de sua fé cristã. Essa dedicação equivalia, para ele, à conscientização do próprio eu no mundo, tarefa que exigia indagações subjetivas profundas para que a fé se tornasse verdadeira e existencialmente significativa.

Com essa compreensão inicial do pensamento kierkegaardiano, torna-se possível aprofundar a análise da busca pelo tornar-se a si mesmo, com ênfase na singularidade do indivíduo. Para Kierkegaard, cada pessoa deve agir conforme sua própria subjetividade, tomando decisões pessoais que concretizem sua existência. Diante das múltiplas possibilidades, cabe ao indivíduo escolher e assumir sua decisão com responsabilidade. É nesse processo de escolha e compromisso que se realiza a busca do tornar-se si mesmo.

Essa abordagem implica que o indivíduo está em constante construção, renovando-se a cada momento. O ser em si não é um dado fixo, mas um processo dinâmico de vir-a-ser, pelo qual se busca incessantemente o autoconhecimento para edificar a singularidade pessoal. Como Kierkegaard expressa em seus escritos, o ser é uma relação que se relaciona consigo mesmo diante do absoluto, indicando que o si mesmo é constituído na tensão entre finitude e infinitude, entre liberdade e necessidade. “É preciso primeiro aprender a conhecer a si mesmo antes de saber qualquer outra coisa [...] Somente quando a pessoa interiormente compreende a si mesmo, e então vê o caminho a seguir em seu caminho, faz sua vida repouso adquirir e significado”¹ (Kierkegaard, 2008, vol. 1, p. 22, AA: 12, tradução nossa).

É por meio dessa citação que se evidencia a importância do indivíduo para Kierkegaard, sobretudo o reconhecimento da sua singularidade como ponto de partida fundamental para a existência autêntica. É nesse momento inicial que o sujeito inicia a trajetória rumo à concretização de uma vivência cristã genuína e pessoal.

Quanto ao conceito de ser em si, em Kierkegaard, e à busca que ele realiza para definir o tornar-se si mesmo ou tornar-se cristão, Valdinei Caes oferece uma contribuição especialmente esclarecedora, que pode auxiliar na compreensão dessa dinâmica existencial:

Em Kierkegaard, na gênese da concepção de indivíduo encontra-se uma dura crítica à cultura da época, no que diz respeito ao cristianismo luterano. O cristão não se torna cristão por opção própria, mas por imposição do Estado. “O cristianismo parece ter se tornado, segundo o pensador de Copenhague, uma imposição estatal” (De Paula, 2009h, p. 48). Kierkegaard não pensa o indivíduo em submissão ao Estado. O indivíduo kierkegaardiano está sempre buscando sua autenticidade, ou seja, a presença do totalmente Outro: Deus. Dessa forma, percebemos que há em Kierkegaard o homem que somente se torna um indivíduo autêntico se for responsável perante Deus. Diante de Deus, não há multidão; existe apenas o indivíduo e o que ele é em si (Caes, 2011, p. 441).

Portanto, a singularidade ocupa lugar central no pensamento de Kierkegaard, sendo o ponto de partida para que o indivíduo se encontre consigo mesmo e, a partir desse encontro, estabeleça uma relação autêntica consigo, com Deus e com o mundo. Para Kierkegaard, é imprescindível empreender a busca do tornar-se si mesmo – um processo contínuo de autoexplo-

¹ No original: “One must first learn to know oneself before knowing anything else [...] Only when the person has inwardly understood himself, and then sees the way forward on his path, does his life acquire repose and meaning”.

ração que consiste em conhecer o próprio eu, analisar sua condição humana e alcançar convicções firmes acerca das escolhas feitas e das possibilidades que delas decorrem.

No horizonte kierkegaardiano, essa busca de si não é um fim em si mesma, mas a condição necessária para iniciar e sustentar o caminho rumo ao tornar-se cristão. Em outras palavras, a autocompreensão e a singularidade do indivíduo constituem a base para uma vivência cristã genuína, que se realiza através da fidelidade às próprias convicções e do compromisso ético-religioso diante do absoluto.

3 Ser para o outro: o chamado ético em Emmanuel Lévinas

A filosofia de Emmanuel Lévinas é marcada pela célebre ênfase na responsabilidade do ser para com o outro. A partir desse foco, pretende-se explorar a noção do que consiste essa forma singular de ser para o outro, como ela se concretiza e qual a natureza da relação entre o Eu e o Outro. Para tanto, serão utilizados textos fundamentais da obra de Lévinas, tais como *Ética e Infinito*, *Totalidade e Infinito* e *Da existência ao existente*. Essas obras nos conduzem à compreensão da alteridade, conceito-chave para entender a singularidade dessa relação ética.

Nascido em uma família judaica na Lituânia, Lévinas foi fortemente influenciado pela fenomenologia de Edmund Husserl, tendo inclusive realizado traduções de suas obras. Também recebeu influência do pensamento de Martin Heidegger, embora mais tarde tenha formulado críticas contundentes a este, especialmente por considerar que Heidegger privilegiava uma ontologia desprovida de moralidade – a chamada “ontologia do Neutro”. Para Lévinas, a ética é a filosofia primeira, uma condição primordial que precede a ontologia.

É no face a face com o Outro que emerge o sentido da existência. Diante do rosto do Outro, o sujeito se descobre imediatamente responsável, e nesse encontro desponta a noção do Infinito. Dois dos temas mais centrais na filosofia levinasiana são, primeiramente, a concepção de subjetividade, que indica uma dimensão pessoal e singular; e, em segundo lugar, a responsabilidade do Eu para com o Tu, um movimento pelo qual o Eu assume uma responsabilidade ética e existencial em relação ao Outro.

Importante destacar que parte da obra *Da existência ao existente* foi desenvolvida enquanto Lévinas estava preso, como soldado francês durante a Segunda Guerra Mundial, após a invasão da França. Nesse período de aprisionamento, Lévinas presenciou a indiferença dos soldados nazistas para com a dignidade humana, uma experiência que, ainda que não se saiba ao certo se foi decisiva, certamente influenciou profundamente sua compreensão da responsabilidade ética para com o Outro e da alteridade.

Partindo dessas considerações gerais sobre sua filosofia, volta-se à relação do Eu para com o Outro, que não se reduz a uma relação casual, mas configura uma transformação radical da maneira como o Eu se posiciona em relação ao mundo. Essa relação é fundamental para a ideia levinasiana do esvaziamento do Eu, onde o sujeito se despoja de sua centralidade em prol do Outro.

Na filosofia de Lévinas, a responsabilidade pelo Outro fortalece e autêntica a relação ética. Essa autenticidade, porém, só se sustenta em virtude do diálogo silencioso e expressivo que o rosto do Outro estabelece com o Eu. Em uma entrevista concedida a Philippe Nemo, posteriormente publicada como o livro *Ética e Infinito*, Lévinas comenta sobre essa responsabilidade primordial que o Eu tem para com o Outro:

[...] falo de responsabilidade como da estrutura essencial, primeira, fundamental da subjectividade. É em termos éticos que descrevo a subjectividade. A ética, aqui, não

aparece como suplemento de uma base existência previa; é na ética entendida como responsabilidade que se dá o próprio nó do subjectivo.

Entendo a responsabilidade como responsabilidade por outrem, portanto, como responsabilidade por aquilo que não fui eu que fiz, ou não me diz respeito; ou que precisamente me diz respeito, é por mim abordado como rosto (Lévinas, 1982, p. 87).

Parte-se do entendimento de que, a partir da responsabilidade que fundamenta a subjetividade, cada indivíduo torna-se responsável pelo que lhe é dado pelo outro, ou seja, reconhece subjetivamente sua responsabilidade em relação ao Outro. Nesse sentido, o sujeito não apenas responde pelo outro, mas também se responsabiliza pela própria responsabilidade, uma consciência ativa e contínua da dimensão ética da existência.

Ao considerar a relação de responsabilidade do Eu para com o Outro, pode-se supor que o Outro também seria responsável pelo Eu. No entanto, Lévinas rejeita essa ideia, afirmando que essa ligação ética não se funda na reciprocidade. A responsabilidade do Eu pelo Outro não depende de uma troca ou de um retorno equivalente; não se espera que o Outro responda da mesma maneira. A relação ética é, assim, desinteressada, incondicional e não pressupõe reconhecimento ou retribuição.

É justamente nesse desinteresse e na ausência de expectativas que se encontra o ponto inicial, ou a própria definição, da ideia central da filosofia de Lévinas: a ética da alteridade. O sujeito ético relaciona-se com o Outro sem aguardar resposta, reciprocidade ou qualquer forma de devolução, mantendo uma responsabilidade absoluta e irrestrita para com o Outro, que fundamenta a autenticidade dessa relação.

O Outro metafísico é outro de uma alteridade que não é formal, de uma alteridade que não é um simples inverso da identidade, nem de uma alteridade feita de resistência ao Mesmo, mas de uma alteridade anterior a toda a iniciativa, a todo o imperialismo do Mesmo; outro de uma alteridade que não limita o Mesmo, porque nesse caso o Outro não seria rigorosamente Outro: pela comunidade da fronteira, seria, dentro do sistema, ainda o Mesmo. O absolutamente Outro é Outrem; não faz número comigo. A coletividade em que eu digo <tu> ou <nós> não é um plural de <eu>. Eu, tu, não são indivíduos de um conceito comum (Levinas, 1988, p. 26).

A filosofia de Emmanuel Lévinas propõe uma concepção radical do ser para o outro, segundo a qual a existência autêntica do Eu é indissociável da responsabilidade ética que ele assume pelo Outro. Nesta perspectiva, o Eu não é um sujeito isolado ou autônomo, mas um ser cuja identidade e sentido dependem da relação ética com o Outro, aquele que é absolutamente distinto e irreduzível. O Eu só pode ser verdadeiramente si mesmo por meio da abertura e da resposta ética que oferece ao Outro, o que implica que sem o Outro não há um “nós mesmos” autêntico nem um Eu plenamente constituído.

A alteridade, portanto, é a condição primeira e fundamental da existência humana, pois ela inaugura a possibilidade de transcendência da própria subjetividade e da autopreservação para se voltar à responsabilidade pelo Outro. Diferentemente de modelos filosóficos que priorizam a autonomia ou a reciprocidade como base das relações interpessoais, Lévinas sublinha que a relação ética não se apoia na troca equilibrada ou no reconhecimento mútuo, mas na responsabilidade assimétrica e incondicional do Eu pelo Outro.

Esta relação ética implica que cada indivíduo, enquanto totalidade singular, é chamado a se manifestar e a se constituir a partir da responsabilidade que assume perante os demais. O comportamento ético não se reduz a normas ou convenções sociais, mas se expressa na abertura para o Outro, na escuta ativa e na disposição de responder à sua vulnerabilidade e

dignidade. Assim, a alteridade não é apenas uma categoria teórica, mas um convite à transformação do modo de ser, um convite para uma experiência ética que rompe com o egocentrismo e com a indiferença.

Acredita-se, com Lévinas, que o reconhecimento e a vivência concreta dessa alteridade são condição necessária para a construção de uma humanidade mais justa e solidária. A responsabilidade ética pelo Outro possibilita uma convivência social que transcende interesses individuais e se funda na compreensão profunda da interdependência e da vulnerabilidade humanas.

Neste sentido, o professor Euclides André Mance oferece uma análise aprofundada do conceito de alteridade, destacando sua centralidade na filosofia ética contemporânea e sua relevância para o entendimento das relações humanas como fundamento da existência.

Ser-para-o-outro é a própria condição de constituição da subjetividade humana, emergindo da neutralidade de um haver impessoal e da significação neutra dos entes do mundo no horizonte do ser, em que os seres humanos e sua história são reduzidos a movimentos de conceitos no plano do saber, compostos teoricamente em função de projetos que os reduzem a entes manipuláveis, efetivando praticamente inúmeras formas de injustiças.²

4 À guisa de conclusão

Com base na discussão desenvolvida ao longo deste artigo, é possível notar, inicialmente, uma distinção clara entre as filosofias de Kierkegaard e Lévinas. Contudo, conforme destacado na introdução, essa distinção inicial não impede o reconhecimento de uma profunda ligação entre ambas as abordagens. O objetivo principal consistiu em apresentar um entendimento preliminar das ideias centrais na filosofia de cada pensador, procedendo a uma análise separada para, a partir daí, possibilitar uma comparação fundamentada entre seus modos de pensar.

Primeiramente, observou-se a concepção kierkegaardiana do ser em si mesmo, que se traduz na busca pelo autoconhecimento como fundamento para a compreensão da existência humana. Kierkegaard defende que o indivíduo não é pleno em si desde o início, sendo necessário que ele se empenhe em tornar-se a si mesmo, desenvolvendo uma relação profunda consigo próprio para alcançar uma compreensão autêntica da existência. Essa busca acompanha a dimensão religiosa do filósofo, que vê o tornar-se cristão como um processo contínuo e ativo, inseparável do tornar-se si mesmo, herança de uma vivência religiosa rigorosa, sobretudo influenciada por seu pai.

Em contrapartida, a filosofia de Emmanuel Lévinas enfatiza o ser para o outro como a própria essência da subjetividade humana. Para Lévinas, a relação com o Outro é indispensável, pois, sem ela, o Eu seria um ser isolado e, conseqüentemente, inexistente enquanto sujeito autêntico. A singularidade, embora central, não se sustenta isoladamente; a existência se constrói na responsabilidade incondicional pelo Outro, conforme delineado na ética da alteridade. Essa responsabilidade não pressupõe reciprocidade, mas uma abertura radical do Eu para com o Outro, que fundamenta a autenticidade da existência.

Diante dessas perspectivas, pode-se inicialmente concluir que os pensamentos de Kierkegaard e Lévinas são profundamente distintos: o filósofo dinamarquês enfatiza a singularidade e a busca do autoconhecimento como base da existência, enquanto o filósofo lituano

² Comunicação realizada em 02 de Agosto de 1993 como atividade do Programa de Conferências Mensais promovido pelo Studium Filosófico São Basílio Magno – OSBM.

centra-se na responsabilidade ética pelo Outro como constitutiva da subjetividade. Entretanto, uma conclusão definitiva nesse sentido seria inadequada, pois Kierkegaard também demonstra preocupação com a existência do outro. Suas reflexões sobre a singularidade visam justamente que o indivíduo se conheça para que, a partir desse autoconhecimento, possa respeitar e incentivar a autorreflexão no outro.

Assim, observa-se que as filosofias kierkegaardiana e levinasiana apresentam pontos de convergência significativos no que tange à construção da existência humana, pois ambas reconhecem a importância do Outro: a primeira, ao incentivar a reflexão individual que leva ao respeito e à compreensão do próximo; a segunda, ao afirmar a responsabilidade ética e incondicional que sustenta a relação entre os seres humanos e a constituição do Eu.

Referências

CAES, Valdinei. A concepção de indivíduo segundo Kierkegaard. In: *Anais do VII Seminário de Pós-Graduação em Filosofia da UFSCar*, São Carlos, p. 437-446, 2011.

DE PAULA, Marcio Gimenes de. *Subjetividade e objetividade em Kierkegaard*. São Paulo: Annablume, 2009.

LEVINAS, Emmanuel. *Da existência ao existente*. Trad. Paul Albert Simo e Ligia Maria de Castro Simon. Campinas: Papirus, 1986.

LEVINAS, Emmanuel. *Ética e infinito*. Lisboa: Edições 70, 2000.

LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1988.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. *Diário de um Sedutor. Temor e Tremor. O Desespero Humano*. Trad. Carlos Grifo, Maria J. Marinho; Adolfo C. Monteiro. São Paulo: Abril Cultural: 1979. (Coleção Os Pensadores).

KIERKEGAARD, Søren Aabye. *Journal*. AA:12, KJN. v. 1, p. 19-22.

MANCE, Euclides André. *Emmanuel Lévinas e a alteridade*. Comunicação realizada no dia 2 de agosto de 1993, pelo Instituto Vicentino de Filosofia. Disponível em: <https://euclidesmance.net/docs/emmanuel-levinas-e-a-alteridade.htm>.

Sobre o autor

Tales Macêdo da Silva

Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), em regime de dupla titulação com a FernUniversität in Hagen, na Alemanha. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Bacharel e Licenciado em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), instituição na qual atua como professor do curso de Filosofia desde 2020. Ao longo de sua trajetória acadêmica, tem se dedicado intensamente à investigação da Filosofia Moderna e Contemporânea, com ênfase no Idealismo Alemão especialmente nos sistemas filosóficos de Fichte, Schelling e Hegel e na Filosofia da Existência, com foco na obra de Sren Kierkegaard. Seu trabalho busca articular essas duas vertentes, explorando seus pontos de convergência e tensão a partir de uma perspectiva metodológica rigorosa e existencialmente engajada.

Recebido em: 23/03/2026
Aprovado em: 09/04/2026

Received in: 03/23/2026
Approved in: 04/09/2026